

## ENSINO DE LITERATURA ESTRANGEIRA E LEITURA LITERÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (1985-2010)

### **Identificação:**

Grande área do CNPq: Ciências Humanas  
Área do CNPq: Educação  
Título do Projeto: Alfabetização, Leitura e Escrita; Linguagem e Educação; Leitura, Literatura e Materiais Didáticos.  
Professor Orientador: Maria Amélia Dalvi  
Estudante PIBIC/PIVIC: Daiane Francis Fernandes Ferreira

*Resumo: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, interpretativa, bibliográfico-documental, cuja orientação teórico-metodológica é histórico-cultural. O objeto da pesquisa é o ensino de literatura estrangeira e leitura literária no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas e nos cursos de Licenciatura Dupla da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no período de 1985 (como marco simbólico da redemocratização política brasileira) a 2010. Como fonte, tomam-se simultaneamente objetos culturais escritos (documentos oficiais, impressos pedagógicos, cadernos escolares etc.) e entrevistas semiestruturadas realizadas pelo grupo de pesquisa e gravadas em vídeo com professores em atividade docente no período estudado. Seu objetivo é traçar linhas de força e de fuga que engendra(ra)m uma história da educação literária no Espírito Santo, subsidiando, com o acervo produzido, futuras pesquisas que lancem questões às zonas de opacidade imbricadas nas relações entre Cultura, Educação, História e Literatura.*

*Palavras-chave: Ensino de Literatura. História da Educação. Memória Docente.*

### **1 – Introdução**

Este subprojeto vinculou-se ao projeto “Ensino de literatura e leitura literária na escola e na universidade: cultura, história e memória no Espírito Santo (1985 - 2010)”, coordenado pela professora Maria Amélia Dalvi. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, interpretativa, bibliográfico-documental, cuja orientação teórico-metodológica era histórico-cultural (BURKE, 1992, 2008, 2011; CHARTIER, 1988, 2001, 2003; CHERVEL, 1990; CERTEAU et al., 2008, CERTEAU, 2011a, 2011b; NUNES, CARVALHO, 1993), entendendo-se o campo da História Cultural como multissituado e, assim, hibridizado, polifônico, tensionado. O objeto da pesquisa era o ensino de literatura estrangeira e leitura literária nos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas e nos cursos de Licenciatura dupla, que contemplam a formação do professor de língua portuguesa e estrangeira (Francês, Espanhol e Italiano) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no período de 1985 (como marco simbólico da redemocratização política brasileira) a 2010. Buscamos estudar os registros e rastros de memórias de docentes atuantes na docência do ensino superior, nas disciplinas de Teoria da Literatura e Literaturas estrangeiras a partir de entrevistas semiestruturadas gravadas em vídeo, executadas com o auxílio de um roteiro de entrevista com ênfase na memória cultural do ensino de literatura, composto por onze questões que abordaram o trajeto profissional do docente e o desenvolvimento da sua prática de ensino, com foco nas disciplinas de Teoria da Literatura e Literaturas Estrangeiras. Para isso, convidou-se formalmente através da

apresentação do projeto e de envio de carta eletrônica, dois profissionais, um que ainda atua na elaboração e execução das disciplinas mencionadas, e outro que atuou na área do período de 1985 (como marco simbólico da redemocratização política brasileira) a 2010, mas não está mais em exercício; este critério foi adotado porque entendemos que estes dois olhares iriam colaborar de forma significativa para o engendramento de uma história da educação literária internacional local, em correlação com a história da educação literária internacional no Brasil, no mesmo período, nos fornecendo conteúdo para analisar o percurso do ensino de Teoria da Literatura e Literaturas Estrangeiras na Universidade Federal do Espírito Santo.

## **2 – Objetivos**

O objetivo geral do subprojeto foi traçar linhas de força e de fuga do ensino de literatura estrangeira e leitura literária na Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas e nos cursos de Licenciatura Dupla da Universidade Federal do Espírito Santo, no período de 1985-2010, que colaborassem para o engendramento de uma história da educação literária local, em correlação com a história da educação literária no Brasil, no mesmo período. Como objetivos específicos visou-se: a) Levantar, digitalizar e organizar, junto a acervos pessoais e escolares, múltiplos objetos culturais escritos que circula(ra)m em instituições educativas sediadas no Espírito Santo, no tocante ao ensino de literatura estrangeira e leitura literária, especificamente nos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas e Licenciaturas Duplas, no período de 1985-2010; b) Realizar, registrar em vídeo e salvar em mídias adequadas entrevistas com professores atuantes no ensino de literatura e leitura literária que deem a ver memórias docentes atinentes ao escopo da pesquisa; c) Disponibilizar a outros projetos e grupos de pesquisa o acervo documental e videográfico constituído, a partir de sua cessão à Universidade Federal do Espírito Santo; d) Produzir textos orais e escritos que socializem e ponham em circulação, entre pesquisadores e interessados na temática, os resultados da pesquisa sobre o ensino de literatura e leitura literária na Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Espírito Santo, entre 1985-2010; e) Apresentar relatório completo da pesquisa à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação quando do fim do projeto, bem como a demais instâncias oficiais interessadas nos resultados.

## **3 – Metodologia**

O trabalho foi realizado em momentos específicos, contudo, mutuamente imbricados. O primeiro momento compreendeu em: a) estudo e discussão coletiva de subsídios teórico-metodológicos da História Cultural (BURKE, 1992, 2008, 2011; CHARTIER, 1988, 2001, 2003; CHERVEL, 1990; CERTEAU et al., 2008, CERTEAU, 2011a, 2011b; NUNES, CARVALHO, 1993); b) estudo e discussão coletiva de subsídios teórico-metodológicos sobre pesquisa qualitativa, pesquisa bibliográfico-documental, pesquisa histórica e de subsídios teórico-metodológicos para a realização de entrevista semiestruturada, seu registro videográfico e seu uso na pesquisa interpretativa (BOGDAN, BIKLEN, 1994; CHIAZZOTTI, 2006; MOREIRA, CALEFFE, 2006; ROSA, ARNOLDI, 2006; GATTI, 2007; MINAYO, 2007; SAMARA, TUPY, 2007; PINSKY, LUCA, 2009; PINSKY, 2010); e c) estudo e discussão coletiva da

bibliografia. O segundo momento tratou da elaboração de um roteiro de entrevista composto por onze questões que visavam abordar o percurso profissional do docente e também o desenvolvimento de sua prática de ensino, o roteiro foi composto pelas questões a seguir: 01) Por que você decidiu tornar-se professor de literatura? 02) Em que contextos, escolas e níveis você atuou ou tem atuado? 03) Quais foram seus maiores desafios e suas maiores conquistas ao longo da carreira? 04) Em que medida as condições estruturais da escola e/ou da universidade contribuíram (ou não) para o ensino/aprendizagem da leitura e literatura? 05) Como eram as práticas de educação literária (aulas, materiais, recursos) em suas aulas no início da sua carreira docente e como elas ocorrem hoje? 06) Nos livros didáticos aparecem recortes de livros de leitura/literatura com muita frequência, apenas com a intenção de ensinar aos alunos a gramática e a memorização. Esse fato parece fazer com que se esvazie ou minimize a dimensão artística/estética dos textos. Como você trabalha em relação a isso? 07) Quais as práticas, representações e usos da história capixaba ao longo da sua carreira docente? 08) Algum fato marcante na história mundial, do Brasil ou local e da história da educação no período de (1985-2010) influenciou na sua prática docente a respeito do ensino de literatura? Se sim, por favor, comente. 09) O que você pensa que sejam os maiores desafios para o professor de literatura na atualidade? 10) Sabemos que há, desde sempre, um intenso diálogo entre a Literatura Brasileira e outras literaturas, visto isso, de que forma o trabalho com esse diálogo poderia contribuir para a ideia de nacionalidade e fomentar a formação crítica? 11) Mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar? O terceiro momento da pesquisa destinou-se a seleção e ao convite dos profissionais; a seleção foi baseada no critério de que um dos profissionais ainda deveria atuar na elaboração e execução das disciplinas mencionadas, e outro já deveria ter atuado na área do período de 1985 (como marco simbólico da redemocratização política brasileira) a 2010, mas não poderia estar mais em exercício, visto isso, selecionamos uma professora que ainda atua no Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, e outra que já atuou no mesmo Departamento mas não se encontra mais em exercício, apesar de ainda contribuir de forma significativa com orientações, eventos e se colocando à disposição para atividades relacionadas a sua área. Ambas foram convidadas após a apresentação do Projeto por meio de carta formal eletrônica, contendo algumas das questões do roteiro e também uma sugestão de data para a filmagem da entrevista, que ocorreu após algumas semanas do primeiro contato no Núcleo de Filmagem e Mídia do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. O quarto momento da pesquisa voltou-se à transcrição das entrevistas das duas profissionais e da análise do conteúdo gerado a partir das respostas empreendidas às questões do roteiro de entrevista.

#### **4 – Resultados**

Tendo em vista que a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea, buscamos, através das respostas orais empreendidas do roteiro de entrevista, ampliar o conhecimento acerca das práticas de ensino das disciplinas de Teoria da Literatura e Literaturas Estrangeiras ministradas nos cursos de Letras e Licenciaturas Duplas da Universidade Federal do Espírito Santo, bem

como da história e do percurso dos profissionais que atuaram como professores destas disciplinas, tendo em mente que elas são, ao nosso ver, fundamentais para o processo de formação de futuros docentes, pois estão diretamente associadas a leitura e teoricamente a aquisição de subsídios para elaborar e ministrar aulas que envolvam à literatura. Visto isso, daremos início a nossa discussão relacionando o olhar das duas profissionais a quem entrevistamos, a partir dos métodos citados anteriormente, com uma das principais dificuldades dos discentes da Educação Básica, que já foi objeto de estudo para diversas pesquisas e é, sem dúvida, uma das grandes frentes da língua portuguesa, a interpretação textual, que teve sua precariedade justificada durante muitos anos pelos professores de Língua Portuguesa com o argumento de que os alunos não tinham o hábito de leitura, não se interessavam por livros e nunca cumpriam as tarefas de fichamento literário propostas durante as aulas de redação, mas, estudos recentes já mostram que o hábito de leitura existe entre os discentes e que eles leem por prazer e interesse pessoal, criando dentro do próprio ambiente escolar um Submundo Literário, composto basicamente por literatura estrangeira, onde famosos autores de diversas partes do mundo narram em mais de 300 páginas romances, dramas, ficções e histórias que estão prendendo a atenção dos discentes e desconstruindo o velho discurso de que os nossos alunos não leem.

A história da educação nacional mostra que a literatura se caracterizou durante muitos anos como sendo o principal veículo de educação e transmissão do conhecimento, resultado da falta de obras científicas no país, mas assim como hoje, essa literatura era manipulada com o objetivo de formar uma opinião em massa, que naquela época resultou em uma generalizada inferioridade nacional (que muitos carregam até hoje). O que fazemos atualmente não é diferente, depreciamos a leitura dos discentes a ponto de julgá-los como não leitores por não lerem o que é recomendado nas escolas, talvez, por nos sentirmos coagidos como professores de língua portuguesa, pois fomos ensinados na Academia a ler os clássicos, ensiná-los e recomendá-los. É claro que os livros que durante todos estes anos foram denominados clássicos, possuem uma mensagem que perpassou décadas encantando os seus leitores, e por isso são denominados clássicos, mas é importante lembrarmos, que estes clássicos, na sua maioria, são literaturas estrangeiras, que muitas vezes são levadas à sala de aula acompanhadas de um discurso meramente repetitivo, que não passa de uma reprodução

daquilo que os professores viram, ouviram ou foram ensinados na infância, e que para os discentes contemporâneos não faz o menor sentido.

Ao questionarmos uma das professoras entrevistadas, que aqui denominaremos professora1, sobre como se dava sua prática de ensino de literatura no ensino médio e como esta prática foi evoluindo com o passar do tempo, ela respondeu que no início da carreira, em 1951, ela ensinava a literatura através de um gráfico que ela fazia no quadro e através de fragmentos textuais, pedia aos alunos para memorizarem alguns destes textos e também solicitava a leitura de livros, que era cobrada com perguntas e questionamentos; com o passar do tempo, ao mudar de contexto, ou seja, migrando para a universidade, a professora nos faz concluir, em respostas posteriores, que a literatura não era ensinada / avaliada de forma diferente no ensino superior, como podemos observar na fala a seguir:

[...]mas aqui (na universidade) fazíamos também com os alunos questões orais, eram provas individuais e orais. O aluno tinha que ler a obra e a gente fazia questionamentos sobre a obra, era assim.

A professora encerra a fala se referindo a esta prática de ensino como passado, mas após 63 anos, esta prática ainda é muito familiar para nós, e pode-se dizer que para muitos adolescentes que ainda estão na Educação Básica, pois o que parece é que se espera do aluno uma interpretação premeditada, que não pode fugir do pretendido pelo professor, no entanto, prega-se um discurso de que a literatura é imaginação, magia e encantamento, o que nos parece um pouco contraditório diante do que observamos ser praticado na sala de aula, e do que vem sendo dito acerca da literatura, pois a imaginação não tem limites e nem fronteiras, diferente do tratamento que se dá a interpretação do aluno. Mas, assumindo como pressuposto que a literatura possui sim um certo encantamento, que não está nas folhas ou no ar, mas que é construído a partir do momento que permitimos que o leitor também assuma o papel de autor, ela contrasta com a atual forma de avaliação, pois texto nenhum foi elaborado para se tornar matéria de cálculo, e entendo que a literatura muito menos, porém, ela aparece no ambiente escolar como sinônimo de fichamento, resumo, ficha de leitura, questionário, dentre outras atividades meramente avaliativas que possuem o objetivo contábil.

Na universidade não é diferente, enquanto a literatura aparece na escola como matéria, ela aparece na Universidade como disciplina obrigatória, teórica e na maioria das vezes avaliada por provas e questionários, como mencionado anteriormente, tanto

os autores estrangeiros, Victor Hugo, Lamartine, Shakespeare, como os nacionais, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade ou Manuel Bandeira, estão todos enquadrados, classificados e periodizados, e são exatamente estas nomenclaturas a base para a elaboração de exercícios, provas e outras avaliações, que parecem contribuir para o sentido contrário do que se diz acerca do papel importante que a literatura pode exercer, tanto intelectualmente, quanto culturalmente e socialmente, pois ao invés de permitir que o aluno viva uma experiência individual e depreenda sua própria interpretação, que poderá, posteriormente ser compartilhada com a turma e enriquecida pelo professor, ela inibi o leitor, que já começa a leitura com conceitos e conclusões pré concebidas, que muitas vezes até o impedem de continuar a leitura. No entanto, tanto a escola quanto a universidade não podem permanecer omissas às questões relacionadas a literatura, pois são ambientes privilegiados para a formação do leitor, e no caso da universidade, em especial nos cursos de Letras e Licenciaturas Duplas da Universidade Federal do Espírito Santo, é um ambiente exclusivo para a formação do mediador da literatura, ou seja, do professor, conforme menciona o Manual do aluno de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da própria Universidade:

O curso de Letras-Português da UFES é um curso de licenciatura, que tem como objetivo formar professores que trabalharão no ensino fundamental (do sexto ao nono ano) e médio [...] que visa não somente melhorar seu próprio desempenho nas mais diversas situações sociais que envolvem a linguagem verbal, como também a apresentar maneiras de ensinar a língua e a literatura que contribuirão com o planejamento de seu trabalho como professor (2012, p. 04).

Mais uma vez nos deparamos com questões contraditórias, pois, conforme mencionado pelo Manual do aluno, um dos objetivos do curso de Letras é apresentar maneiras de ensinar a literatura, maneiras que contribuirão com o planejamento do trabalho do professor, ou seja, com sua prática docente, mas as aulas de Literatura na universidade ainda estão muito distantes dessa abordagem pedagógica que apresenta maneiras de ensinar, não que exista uma maneira única que merece ser apresentada como a principal, pois não existe, o que temos são várias maneiras, vários caminhos, porém, o que os futuros professores presenciam na graduação é quase e, em alguns casos, a mesma abordagem que foi adotada com eles no Ensino Médio, e que entendemos ser falha,

quando observamos logo nos primeiros trabalhos dos iniciantes no curso de Letras, uma certa frustração e até angústia tanto por parte deles quanto dos professores, que esperavam que após o cumprimento do vestibular o aluno teria domínio suficiente de leitura, interpretação e escrita para desempenhar suas obrigações acadêmicas, o que não acontece na maioria das vezes. Visto isso, empreende-se um questionamento não sobre como os professores da Educação Básica ensinam literatura, mas sobre como eles foram ensinados, ou seja, sobre como eles foram preparados na graduação para ensinar.

É a partir destes questionamentos que nos deparamos com uma das primeiras respostas da outra professora entrevistada, e que aqui denominaremos professora 2. Ao questioná-la sobre como foi sua transição da educação básica, que na época era composta pelas Escolas Polivalentes, para o Ensino Superior, ela responde que:

[...] nosso curso não tem vocação de educação, nosso curso ele tem uma vocação para o bacharelado [...] eu acho que a gente ainda tem essa coisa filosófica demais, de não levar em conta a educação, de não levar em conta o aspecto didático e pedagógico. Lá no polivalente, no primeiro grau ou no segundo grau, pra entrar no polivalente nós tivemos toda uma preparação, eu não sei se vocês estudaram sobre isso, mas logo quando a gente terminava assim a universidade a gente fazia um curso, acho que nós tivemos dois ou três edições desses concursos, não foram muitos porque eu acho que as escolas depois meio que se desmancharam, mas nós fazíamos um concurso, bem concorrido, e depois nós tínhamos um período de, uma espécie de atualização, então nós tínhamos um aspecto bem didático, bem pedagógico com uma carga forte do aspecto educacional dessa escola polivalente, então nós tínhamos uma escola, uma direção, uma orientação didática, pedagógica [...] nós estávamos bem protegidos ali, é claro que havíamos muitos problemas ali, mas a gente se sentia bem orientado. Com a minha vinda para a universidade, isso, eu senti uma quebra desta orientação, essa volta para o aluno, do didático, do pedagógico. [...] eu senti, eu senti uma, um baque bem grande, neste aspecto de que já se dava tanto, já se dava tanta orientação pra isso, né? Você é que vai pra sala de aula e lá você resolve.

Esse descompasso entre a ausência de um direcionamento pedagógico voltado para os professores do Ensino Superior, aliada a expectativa sobre as habilidades de leitura e escrita dos universitários, além das exigências sobre o desempenho acadêmico que se materializa na avaliação, faz com que a tarefa de formar o mediador de literatura passe despercebida entre as três principais disciplinas de literatura que estão presentes na Matriz curricular do curso de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, divididas em 1, 2 e 3, são elas: Estudos Literários, Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, que precisam marcar a permanência dos universitários de forma que eles consigam enxergar novos caminhos de ensinar e, principalmente, de ler literatura, pois segundo Amarilha, ler literatura é compartilhar da cultura de uma sociedade por meio da linguagem verbal em que se testemunha a inventividade da língua; é interagir com a língua em sua manifestação social e individual, isto é, com sua face histórica e criativa. Ler literatura é experimentar trajetórias do destino humano para além de sua contingência (2011, p. 185). Portanto, partindo da premissa que ensinar literatura é ensinar a ler textos literários, entende-se que o discente do curso de Letras deve exercitar-se como leitor para se permitir ser desafiado por qualquer texto e dialogar com ele, para que no futuro consiga ensinar aos seus alunos como iniciar este diálogo e como deixar o posto de mero leitor para escrever sua própria história, visto isso, o ensino de literatura no curso superior necessita de um olhar mais apurado, para que não se deixe de lado a leitura da literatura em prol dos textos meramente técnicos, que apesar da sua indiscutível importância, só alertam sobre a experiência que a literatura pode oferecer, mas não a proporcionam, além disso, é importante que as aulas assumam caráter pedagógico, de forma que não tenham apenas o objetivo de apresentar o conteúdo literário, mas que este conteúdo seja confrontado sobre por que ele chegará até a escola básica e sobre como ele chegará.

##### **5 – Discussão e Conclusões**

Identificamos que o curso de Letras Português da Universidade Federal do Espírito Santo aparenta necessitar de alguns avanços no âmbito do ensino de literatura e leitura literária. No entanto, as entrevistas realizadas com as duas professoras já demonstram grandes evoluções, evoluções tecnológicas e de pensamentos que contribuíram de forma significativa para o ambiente escolar e tem provocado novas práticas, como podemos observar na seguinte fala da professora 1:

[...] o data show tem a possibilidade de mostrar os textos que a gente escreve e as vezes até o som, né? Já a televisão só mostrava o que vinha e era só aquilo, não havia o texto da gente, o texto a gente tinha que digitar ou reproduzir o texto ali, né? É diferente, né? Agora há mais recursos e mais possibilidades de leituras, você pode pegar um livro pela internet e ler o livro, antes não tinha isso. A internet é um fator que veio auxiliar na própria sala de aula também, então além do data show, hoje em dia tem internet, quer dizer, leva ali a internet que você joga ali no data show e você reproduz, o aluno pode ler o livro sem comprar, né? E pode haver um maior intercâmbio com professor e aluno, sabe? Porque antes os alunos eram muito passivos pela falta de material. O professor quase que está, é ... aluno e professor todos juntos, e antes não, o professor era como se fosse um ícone ali e todos se dirigindo para ele, agora não, agora é uma mesa redonda, assim, e todos participam, né?

Tanto o data show quanto a internet, mencionados pela professora na fala anterior, já estão presentes nas escolas de Educação Básica e, em especial a internet, tem permitido que a literatura saia do papel e tome a proporção e o formato que há tempos era responsabilidade apenas do professor de tentar transmitir. Atualmente, muitos livros já se tornaram filmes que podem ser levados para a sala de aula como complemento de leitura, além disso diversos vídeos de produção independente também estão disponíveis na web com registros de musicais, dramatizações e em forma de desenhos, tanto das obras clássicas quanto das contemporâneas, visando atingir a todos os públicos, principalmente aqueles que durante muitos anos foram privados da literatura. Pode-se dizer ainda, que o detentor de todo o conhecimento não é mais apenas o professor, já se leva em consideração aquilo que o discente tem a dizer, tem a contribuir, a ensinar, tornando a sala de aula um espaço de troca, semelhante a uma mesa redonda, como também observa a professora 2:

Uma coisa que eu acho que eu tenho notado, e que eu acho que eu tenho me dado conta, é que você aprende todos os dias, a cada dia, a cada conversa que eu tenho, quando os meninos chegam perto de mim e falam alguma coisa, eu penso: nossa, nunca tinha pensado nisso, né? [...] Desse período pra cá, uma coisa que você vai aprendendo é que

você aprende com todo mundo, com os estudantes também, e eu tenho aprendido que não se valoriza só essa literatura, né? Clássica, essa literatura canônica, né? Que não temos que levar em conta só a opinião do especialista, só aquela opinião privilegiada, mas que a gente vai aproveitando tudo. Com os documentos, com os PCN'S com as Orientações, eu gosto muito dessa postura de que o local tende a mudar, não é ver a literatura como alguma coisa que está ali, fantástica, né? Mágica, que está ali em torno do texto, mas que tudo contribui para esta recepção, e eu tenho notado esta mudança na atitude dos professores, que vão dando atenção, dando valor, dando importância, a quem está ali, acho que isso é uma coisa que me toca e que me parece importante[...]

Essa interação entre professor e aluno promove o conhecimento mútuo e torna a sala de aula um ambiente desejável para aqueles que a ocupam, diferente do cenário de insatisfação e medo que presenciamos há algumas décadas acerca da visão dos discentes sobre a escola, e também contribui para a formação ética e social dos alunos, pois sabemos que o professor tem papel importante no processo de formação de opinião desses jovens, por isso o diálogo, o debate e a promoção de discussões sobre assuntos variados relacionados a aula, são práticas que devem ser constantemente adotadas em todas as disciplinas, não apenas na escola, mas também, e talvez principalmente, na universidade, tendo em mente que toda opinião é relevante e deve ser levada em consideração. Concluímos que o mesmo acontece com a literatura, não existe aquela que seja mais ou menos importante, como mencionado pela professora 2, *não se valoriza só a literatura clássica e não se leva em conta só aquela opinião privilegiada*, estamos vivendo em uma época em que a consciência de que o mundo está passando por transformações profundas é cada dia mais forte, e todas as vozes se fazem ouvir, mesmo tímidas a escola está cheia delas, e é importante que os cursos de Letras estejam formando docentes que saibam ouvir estas vozes e atende-las, de forma que a escola, e em especial a literatura, seja de todos, e para todos.

## 6 Referências bibliográficas -

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINKSY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINKSY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução às teorias e métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CEREJA, William R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura*. São Paulo: Atual, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- CHIAZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina. *Práticas de memória docente*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Líber Livro, 2007.
- HELENA, Lúcia (Org.). *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Brasília: CNPq, 2007.
- JORDÃO, Clarissa Menezes. *A educação literária ao lado dos anjos?*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.
- LEAHY-DIOS, Cyana. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. Niterói, RJ: Ed. UFF, 2000.
- MEIHY, José Carlos; RIBEIRO, Suzana Lopes. *Guia prático de história oral*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIGNOT, Ana Chrystina. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a História depois do papel. In: PINKSY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 235-290.

- NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Editora do Porto, 2007.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. C. de. Historiografia da Educação e Fontes. *Cadernos Anped*. n. 5, Caxambu: Anped, p. 7-65, set. 1993.
- PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ROSA, Maria Virgínia de F. P. C.; ARNOLDI, Marlene Aparecida G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira. *História & documento e metodologia de pesquisa*. Horizonte: Belo Autêntica, 2007.